

ENTRE REDES E RITOS: uma etnografia sobre jovens ciganos criadores de conteúdo¹

José Aclecio Dantas - UFPB

Maria Patrícia Lopes Goldfarb - UFPB

Resumo

Este trabalho emerge das primeiras investigações de uma tese de doutorado em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e da participação no projeto de pesquisa “Os Ciganos no Estado da Paraíba”, do Grupo de Estudos Culturais - GEP/UFPB. O problema norteador deste estudo é se as fronteiras do trabalho para os jovens ciganos estão se flexibilizando para formas menos tradicionais de geração de renda, em direção a proposições menos territorializadas, sem a perda de traços identitários ancestrais. O objetivo geral é investigar como os ciganos ressignificam a produção material da vida ao migrar para trabalhos em ambientes virtuais, como criadores de conteúdo para a internet. Como método etnográfico, optou-se pela Participação Observante a partir das contribuições de Loïc Wacquant (2002), no qual as vivências do pesquisado, e do pesquisador, se completam como um todo experimentado, por isso, é concomitantemente uma etnografia digital e uma autoetnografia. Escolhemos a primeira pessoa do discurso como método predominantemente de escrita etnográfica. As principais categorias que norteiam a pesquisa são tempo, trabalho, redes virtuais, criadores de conteúdo e ciganos. No ciberespaço a pesquisa se delimita aos espaços do Instagram, TikTok e Youtube. O estudo está em fase de mapeamento de campo de pesquisa.

Palavras-chaves: Ciganos, Antropologia do trabalho, Economia dos criadores.

Para início de conversa: como cheguei aqui

Nasci em um tempo e um espaço em que o mundo que existia, e suas interações sociais, ainda se desenvolviam de maneira predominantemente física, presencial e concreta. Um mundo em que as formas de comunicação e contato com os outros seres vivos, inanimados e os ambientes por eles formados em suas constantes relações se traduziam em interações face-a-face mais rotineiras e sensorialmente mais intensas e palpáveis. E, por isso, frequentemente menos fragmentadas e difusas. Estamos falando da vida em um interior “brabo” na década de 1970. Um lugar pacato de vida rural em um solo pobre de água e terra fértil, movido ao som do radinho de pilha sintonizado na Banda AM, e uma única cabine telefônica da TELERN —Telecomunicações do Rio

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

Grande do Norte que conectava a população local ao restante do país. Entre as pessoas comuns da cidade a comunicação principal ocorria via carta — meio mais barato e mais demorado — ou telegrama enviados pelos Correios (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos).

Receber uma carta com mensagens rápidas, comunicados importantes, ou aquelas mais esperadas: com as notícias dos familiares ou dos amores que se vivia, mobilizava felicidades profundas, sentimentos de pertença e identidade desvinculadas do tempo e do espaço, mesmo que o conteúdo do enviado, depois da leitura, desmanchasse nossas esperanças no ar. A carta permitia a inserção dos comunicantes em diversas temporalidades. O presente do leitor, normalmente se alinhava ao passado do escritor, como presente real, enquanto o futuro do escritor se tornava presente para o leitor. Ambos participavam da comunicação como se estivessem no mesmo presente. A carta ensaiava, no papel, aquilo que décadas depois viveríamos no virtual: o compartilhamento de sentidos diversos do presente e do real.

Nos centros urbanos, a década de 1970 foi uma década icônica. Dizem que os homens fortes nasceram nela, se não os homens fortes, ao menos os homens com ideias fortes. Foi nesta década que ocorreu o início do desenvolvimento da "arpanet", que foi a precursora da internet, uma tecnologia que o pobre do nordeste brasileiro só teria acesso décadas depois. Ainda nesta mesma época, especificamente em 1973, ocorreu a primeira chamada de um telefone móvel (Motorola) realizada pelo engenheiro Martin Cooper. Mesmo assim, o primeiro aparelho de celular portátil e comercial² só esteve comercialmente disponível uma década depois. Na década de 1970 o Brasil passou a experimentar, também, as transmissões televisivas coloridas³. Embora só tendo acesso vários anos após, lembro que foi algo espetacular porque, até então, os raros contatos que tínhamos com imagens coloridas nas TV's vinham de um vidro ou plástico furta cor colocado em frente do tubo, e que deixava tudo azul, verde ou vermelho, ou dividia a tela em cores diferentes, superior azul, inferior verde. Foi na década de 1970 que ocorreu, também, o lançamento do primeiro jogo eletrônico comercialmente bem-sucedido⁴. Naquela época, algumas pessoas amantes dos estudos e da ciência diziam que o mundo estava vivendo uma terceira revolução industrial. Uma revolução

² O celular Motorola DynaTAC 8000X.

³ As transmissões coloridas nas TV's brasileiras começaram a ocorrer em 1972.

⁴ O jogo "Pong" foi lançado em 1972.

que, entretanto, não estava ocorrendo em meu mundo. Neste, muitas pessoas ainda lutavam para tentar sanar as necessidades de uma tecnologia surgida na segunda revolução industrial⁵: aquela que descobriu e popularizou a energia elétrica.

Só com o tempo fui perceber que o desenvolvimento das minhas relações sociais esteve, por durante grande parte de minha vida, profundamente entrelaçado ao espaço físico e ao tempo compartilhado que eu tinha – como se a vida social exigisse, para florescer, um chão comum e um compasso sincronizado. Eu sentia que era necessário estar junto, ocupar o mesmo lugar, respirar o mesmo ar, olhar nos olhos e tocar o outro que me cercava. Essa sincronia física não era apenas uma condição prática para minha inserção naquele mundo, mas a própria tessitura do laço social que eu estava começando a estabelecer: os vínculos nasciam e se nutriam da presença, da convivência cotidiana, do hábito de cruzar o caminho do outro em ruas conhecidas, praças familiares, instituições que organizavam a vida comum. Minha presença e lugar no mundo, além de todas as aprendizagens decorrentes de minhas interações sociais, e com isso, minha própria identidade começou a ser construída entre os xique-xique e algarobas das serras rio grandenses, no correr e gritos dos bodins⁶, nos riscos de pisar em cobra venenosa escondida nas touceiras de mato seco, no ver os jovens e adultos carregando água do barreiro em galões sobre os ombros, e do ficar tomado banho e cheiroso no fim da tarde para depois da janta ir na praça da cidade “jogar conversa fora” e ver o povo passar. Era nessa rede social que as pessoas ficavam sabendo das coisas, das fofocas aos acidentes ou tragédias na cidade ou circunvizinhanças mais próximas.

Dada as circunstâncias locais, não existiam jogos eletrônicos⁷, televisores ou qualquer produto eletrônico que trouxesse, dentro de casa, alguma distração ou diversão para os jovens. No máximo, o antigo rádio de pilha, no qual podíamos escutar músicas e saber das notícias de outras localidades mais distantes. Na ausência de algo que nos prendesse dentro de casa, enquanto jovens crianças nossa vida era uma vida exteriorizada. Ocorria, quase que completamente, do lado de fora dos cômodos das

⁵ A segunda revolução industrial ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX. Foi um período marcado pelo avanço da eletricidade e desenvolvimento de novas indústrias, como a siderurgia e a química.

⁶ Termo coloquial comumente utilizado por sertanejos, em algumas regiões do nordeste brasileiro, para representar o cabrito, o filhote do bode e da cabra.

⁷ Os primeiros jogos eletrônicos surgiram no final da década de 1970, mas apenas nos grandes centros urbanos.

casas na cidade ou nos sítios. O interior da casa era o lugar para comer o que se tinha, quando se tinha, tomar banho quando se podia, escutar os conselhos dos adultos sempre e dormir como se houvesse amanhã, enquanto seu exterior era o lugar para se viver e aprender sobre a vida através da própria vida sendo vivida.

As conexões interpessoais, naquela época, e em meu ponto de vista, tendiam a ser dominadas por laços fortes⁸, o que era caracterizado por uma alta frequência de contatos, fluidez de entrada e saída dos ambientes, profundidade emocional dos envolvidos e multidimensionalidade do envolvimento nas diversas esferas da vida que nos cercava. Era um mundo gigante, mas restrito a um limitado território e a fronteiras sociais e morais impostas. O meu mundo estava inserido em mundos de outras pessoas. E não era apenas o meu mundo que existia na prática.

Havia, nesse modo de estar no mundo, uma sociabilidade fortemente territorializada, marcada por fronteiras claras entre o aqui e o lá, o agora e o depois. As relações pareciam mais densas, mais sólidas – talvez porque eram enraizadas em espaços concretos e delimitadas por ritmos compartilhados. Nesses tempos, a medida era outra: com ritmos mais lento, contínuo, mais atento à permanência daquilo que era sólido. Relações e interações sociais resistiram melhor à dispersão e à volatilidade que nos dias atuais marcam, tão intensamente, nossa experiência de vínculo no mundo.

Meus pais resolveram migrar para um centro urbano em outro Estado, para fugir da pobreza do interior do sertão rio-grandense, nos fins da década de 1970. Mesmo assim, a vida parecia ter melhorado um pouco. Demorou um pouco para que tivéssemos uma casa e um muro de tijolos, e várias fruteiras que se tornarem minhas fugidas da realidade. Trepado naquelas goiabeiras o mundo, ou ao menos, a projeção que fazia dele, tornava-se o mais próximo do virtual que eu podia ter naquela época: o mundo e a vida enquanto força e potência⁹. Não como um mundo ilusório, imaginário ou irreal, mas como algo que existe mesmo que não esteja presente. Eu nem sabia, mas incipientemente já filosofava a vida trepado em galho de goiabeira, mesmo sem ver Jesus¹⁰.

⁸ Conforme os conceitos da teoria das redes de Mark Granovetter (1973), no qual laços fortes (Relações íntimas) implicam profundidade, e laços fracos (conexões casuais) implicam amplitude.

⁹ Tomo aqui o termo virtual em sua acepção filosófica mais usual.

¹⁰ Parafraseando ironicamente a declaração da ministra de estado Damares Alves, que relatou em 2018, que tinha conversado com Jesus em cima de um galho de goiabeira, e que se tornou meme em todas as

Foi nesse contexto que minhas relações começaram a se aprofundar com o universo extra familiar e doméstico. Os tempos compartilhados se multiplicaram tanto com a rede íntima de solidariedade organicamente mecânica entre vizinhos, parafraseando a divisão feita por Émile Durkheim (1999)¹¹, como com minha inserção no tempo compartilhado e monitorado do universo escolar. Nessa época entrei tardiamente na escola. O chão comum se diversificou e os limites do compasso que antes regia, com precisão física, minhas relações sociais no tempo e no espaço, começaram a se dissolver em fluidez. Os vínculos sociais estabelecidos ainda se nutriam da presença, e da convivência cotidiana; e o tempo ainda parecia suspenso em si mesmo, estendendo-se em uma continuidade silenciosa.

Entrando nos primeiros anos da década de 1980, minha verde e alagada vida, migrou novamente para uma nova porém encimentada ambientalidade. Éramos crianças vivendo em um conjunto residencial de 69 blocos do tipo caixão com 32 apartamentos cada um, totalizando 2.208 famílias pobres vivendo em um espaço construído entre distantes canaviais, matas de cajueiros, rios e grandes áreas de matagal. Na área central existia uma associação comunitária com um amplo terreno ao fundo onde, vez por outra, pequenos e médios circos montavam suas rotas tendas, e exerciam seu fascínio entre o povo daquele local. Nesta época, a maioria dos circos no Brasil, já sentia os efeitos de uma retração gradual de público e prestígio em sua importância social e econômica, mas ainda gozavam de certa notoriedade entre as populações mais pobres do Brasil, dado o baixo custo de acesso a essa atividade cultural. As crianças, como eu, por sua vez, adoravam a performance dos espetáculos circenses e lotavam as arquibancadas, enquanto, desconfiadas, guardavam o medo de transitar entre as áreas de suas instalações. Para o mundo do circo o tempo era itinerante, fluido e móvel, e por essa razão, naquela época um mundo muito habitado por famílias e crianças ciganas, que

redes sociais, não pelo tema importante que tratava (abuso sexual de crianças), mas pela relação descabida que fez. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-video-damares-leva-jesus-na-goiabeira-para-campanha-no-df/#google_vignette>

¹¹ Apesar do sociólogo Émile Durkheim (1999) apontar a solidariedade mecânica como uma característica de sociedades simples, primitivas, arcaicas e pré-capitalistas, no qual a coesão social estava baseada na semelhança, na homogeneidade de crenças e costumes; e a solidariedade orgânica, como a característica primordial de uma sociedade complexa e industrializada, no qual a coesão social está baseada na necessidade mútua gerada pela divisão do trabalho. A ajuda mútua, conexão social e compartilhamento de sentimentos de pertença por laços afetivos entre nossos vizinhos, mesmo em uma sociabilidade complexa e industrializada como a nossa, apontavam a existência mútua de características de ambas solidariedades apontadas pelo sociólogo.

possivelmente nos olhavam com os mesmos olhos de estranheza. Provavelmente, algumas famílias ciganas passaram por aquele terreno.

Não, isso não é um romance! Apesar de parecê-lo. Não, não parece! Assemelha-se mais a um drama da vida real. A “vida como ela era”, parafraseando Nelson Rodrigues. Este conto real é sobre a ambiguidade existente nas diversas temporalidades do cotidiano, como um elemento demarcador do percebido por uma criança do tempo de atrás¹². As temporalidades funcionam aqui como espaços paralelos de vivências nos quais as crianças transitavam fluidamente sem se ater aos limites das fronteiras temporais. Um fluxo de transitividade entre temporalidades dualizadas que contribuiu para a formação de uma geração com características tão distintas de suas predecessoras e sucessoras. A partir deste conto procuro exemplificar como a história da vida real permite a simbiose entre as principais categorias que norteiam esta tese: ciganos, tempo, trabalho, redes virtuais, criadores de conteúdo.

Ainda sobre este tempo de mundo próximo, e ao mesmo tempo tão distante, durante a década de 1980, no Brasil, o acesso tardio¹³ aos novos recursos tecnológicos, ilustrava o tipo de participação da população no uso desses instrumentos. Na década de 1980 surgiram os primeiros Compact Disc - CD's, para substituir as fitas K7, quanto os walkmans e videocassetes, ampliando as possibilidades de entretenimentos eletrônicos. Foi nesse mesmo período que surgiram também os primeiros e rudimentares PC's comerciais (IBM PC e o Apple Macintosh) e as primeiras interfaces gráficas (XFree86, Windows e o MacOS), além das famosas impressoras matriciais MX-80 da Epson¹⁴.

Na linha do nosso objeto de pesquisa, foi o surgimento e popularização dos BBSs (Bulletin Board System)¹⁵; que eram redes de computadores que podiam receber e

¹² Termo cunhado pela pesquisadora e doutora Maria Patrícia Goldfarb quando de sua etnografia entre os ciganos Calon da cidade de Sousa/PB (Goldfarb, 2004)

¹³ Dado principalmente pela característica tardia e dependente do capitalismo brasileiro, que ocasionou, entre outras coisas, uma industrialização "retardatária" no país, frente uma demanda crescente por produtos e serviços tecnológicos que, geralmente, precisavam ser importados dos países mais industrializados, principalmente USA e países europeus.

¹⁴ As impressoras matriciais utilizam uma lógica muito parecida com as das máquinas de datilografia. Nelas, uma cabeça com pequenos pinos (agulhas) atingiam uma fita de tinta monocromática contra o papel, formando os caracteres e as imagens pela junção de diversos pontos. Por causa de seu sistema de batidas de pinos, a impressora emite um barulho bem característico: um som metálico, repetitivo e rítmico de "cliques" misturado com um zumbido que era bem incômodo.

¹⁵ Surgidas no fim da década de 1970 e início da década posterior. Ver notícia em 15 de agosto de 1994, impressa na Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/15/folhateen/10.html>

enviar mensagens via conexões telefônicas¹⁶, que iniciou os processos de virtualidade nas relações sociais, fazendo que, as interações e vínculos passassem a ser profundamente influenciados pelas percepções, emoções, interpretações e identidades individuais de cada pessoa, o que passou a reconfigurar a forma e a medida de como a intimidade e os sentidos passam a ser construídos. As BBSs, apesar de suas limitações em termos de alcance de sinal e comunicação, e sua baixa capacidade de interação estabeleceram os fundamentos para a interação social mediada por computador. No entanto, tais transformações em curso demoraram dezenas de anos para chegar aos meros e pobres mortais das periferias, principalmente do nordeste brasileiro.

A década de 1990 chegou e testemunhou muito mais do que minha maioridade civil e meus primeiros passos no mercado de trabalho local. A década de 1990 assistiu ao advento da World Wide Web e o início das redes sociais modernas no mundo civilizado e rico. O site SixDegrees.com se tornou, em 1997, a primeira plataforma online a permitir que os usuários criassem seus perfis e pudessem se conectar uns com os outros de forma simultânea. Foi essa plataforma online a precursora da ideia de amigos virtuais, oferecendo aos seus usuários a possibilidade de enviar e trocar mensagens, e a criação de grupos de interesse, que são as ideias básicas de uma rede social.

No Brasil, o uso comercial da Internet se deu em caráter experimental a partir de 1994, com um pequeno grupo de usuários da EMBRATEL - Empresa Brasileira de Telecomunicações. Foi, inicialmente, um teste com a provisão de serviços de Internet via linha discada com velocidade máxima de 14.400 bps (Embratel, 1994), para depois promover a distribuição gradativa do serviço.

No entanto, ter um computador nos anos 90, no Brasil, não era uma experiência de exploração e novidade disponível para a maioria da população. Um computador pessoal típico como o Tandy 1000TL, por exemplo, podia custar em média, cerca de US\$ 1,400 (dólares americanos) da época, o que equivaleria a uns US\$ 2,155 nos dias atuais (cerca de 11.941,50)¹⁷. Se levarmos em conta que o salário mínimo em janeiro de 1990 equivalia aproximadamente a US\$93,48 (Dólares americanos), um brasileiro precisava dispor, àquela época, cerca de 15 salários mínimos para comprar apenas um

¹⁶ Ver enciclopédia britânica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/technology/bulletin-board-system>>

¹⁷ Usando a taxa de câmbio comercial para o dia 21 de dezembro de 2025.

computador pessoal.

E não era apenas uma experiência de exploração e novidade cara, mas também barulhenta, lenta e complicada. A conexão de Internet — conhecida como Web 1.0¹⁸ — era via linha telefônica (Internet discada), com o memorável som de "robô torturado" do modem quando discava em velocidades que não ultrapassaram os 14.4k a 56k. Era uma conexão bastante onerosa para quem utilizava, pois a grande maioria dos serviços eram pagos — além do pagamento do tempo de uso da linha telefônica — os serviços eram controlados por meios de licenças pagas por períodos de tempo, que ficavam restritas a quem detinha poder de adquirir o software para criação e manutenção de sites e custear as transações online.

Nesse período, os principais conteúdos na internet eram dispostos em forma de sites — que pareciam jornais digitais — que eram acessados por usuários que eram apenas espectadores das ações, pois não havia recursos ou autorizações para alterar ou reeditar aqueles conteúdos. Diferente da internet atual, o foco principal da Web 1.0 era a disseminação de informações de forma mais acessível. A participação dos usuários era restrita e passiva, tendo acesso apenas a leitura ou consulta das informações ali presentes, sem interação significativa, ou seja, a interatividade era unidirecional e não colaborativa e, por isso, limitada.

Nos aparelhos de computadores, o sistema operacional MS-DOS (Microsoft Disk Operating System), que foi o primeiro sistema operacional para computadores tipo PC criado pela empresa Microsoft, exigia a digitação de centenas de códigos para a realização de tarefas simples como desenhar uma linha reta da página. O primeiro computador que tive acesso pertencia a meu irmão, um 386¹⁹ sucata de rico, com sistema MS-DOS. Eu não entendia nada daquilo que estava em minha frente, e passava muito tempo para fazer algumas pequenas formas geométricas naquela tela verde. E me dava por feliz por isso, pois, na minha percepção, estava tendo acesso às mais novas tecnologias, mesmo que aquelas já fossem obsoletas para os ricos. De poucos atrativos e poucas utilidades, não me seduzia com insistência, mas servia para digitar alguns textos, como se fosse uma máquina de datilografia. Como eu não tinha impressora, nem disquete para salvar os arquivos, tudo se perdia logo depois da alegria de os ver

¹⁸ A web 1.0 se desenvolveu entre os anos de 1990 e 2005.

¹⁹ Apesar do valor numérico — 386 — se referir ao processador do computador, popularmente os computadores eram conhecidos por essas referências: 286, 386, 486.

construídos na tela.

É bom lembrar que os primeiros mouses ópticos, como conhecemos atualmente, só se tornaram populares na segunda metade da década de 1990, com a chegada dos sistemas operacionais Windows, que permitiram uma maior interação entre usuário e máquina. Na década de 1990, os primeiros computadores pessoais com seus sistemas MS-DOS exigiram a criação da cultura dos "nerds" digitais: um grupo seletivo de experts em programação e utilização dessas novas tecnologias, o que envolvia o entendimento dos comandos e hardware. Era um mercado em expansão e muito promissor para os jovens que podiam ter acesso aos recursos informacionais da época. Um mercado de trabalho em expansão e de ótimas remunerações.

Próximo da chegada dos anos 2000, todos já tínhamos a pura consciência que os sistemas de computadores já estavam espalhados por todas as esferas da vida, e como essa nossa vida coletivamente tecnológica era dependente desses sistemas. Eu era um religioso evangélico, relativamente fanático, que acreditava em um apocalipse iminente. Nessa época um fato real, computacional e coletivo tomou proporções catastróficas na cabeça das pessoas simples e com pouca escolaridade²⁰ como eu: o Bug do milênio²¹. Na minha cabeça, era um misto de fim drástico da era tecnológica (coisas de homens) e volta de Jesus (coisas de Deus). Assim, o romper de 31 de dezembro de 1999, foi de muita apreensão e orações para não entrarmos no inferno, seja ele terrestre ou espiritual, real ou virtual. E, como o universo gosta de brincar com nossas incertezas, curiosamente naquela noite de réveillon, algum metabolismo químico no espaço me fez ver um céu avermelhado entre nuvens, me fazendo chegar em casa na velocidade da luz.

Felizmente, a década de 2000 se iniciou e o novo milênio não me levou para uma viagem astral inenarrável. O mundo não acabou, e amanheci no dia seguinte na mesma situação de antes, “[...] apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no

²⁰ Apesar de existir, há época, entre a população pobre do país uma cultura do 2º Grau (Ensino Médio) como etapa final dos estudos.

²¹ O Bug do Milênio foi um medo generalizado criado no final dos anos 90 por causa de uma possível falha em todos os sistemas computacionais do mundo, o que envolvia bancos, televisores, rádios, telefones, ou outro qualquer aparelho que utilizava diretamente ou indiretamente sistemas de computadores. Como todos os sistemas computacionais operavam com datas expressas em dois dígitos (...97,98,99), com a virada do milênio eles poderiam entrar em pane por tentar voltar ao ano 00, que correspondia ao ano 1900. O problema foi identificado com antecedência e ajustes foram feitos para corrigir tais possibilidades, no entanto as notícias “falsas” já se tinham espalhado, e eram combustível ideal para fundamentalismos religiosos.

banco. Sem parentes importantes e vindo do interior [...]”²². O café ainda esfriava na xícara com a mesma velocidade de ontem. O silêncio e os barulhos do mundo tinham outra densidade. Os semáforos das grandes cidades mantinham seu mesmo ritmo mecânico, ignorando a pressa ou o luto de quem esperava que abrisse. Mas havia uma estranheza na geografia dos espaços, porque mesmo parecendo intacta, a passagem por aquela noite tinha redesenhado o mapa da relação do mundo com as formas de comunicação interpessoal no plano do real.

Com a chegada dos temidos anos 2000, eu já tinha experienciado o computador 386, a impressora matricial barulhenta e lenta, e ao menos, já possuía um aparelho de celular Nokia 3210 — um excelente celular para realizar chamadas telefônicas, jogar o joguinho da cobrinha, e mandar SMS - Short Message Service. O SMS era uma tecnologia para enviar e receber mensagens de texto curtas (até 160 caracteres) entre celulares, sem depender de internet, conhecida popularmente como “enviar ou receber torpedo”. Recebi e enviei muitos torpedos. Surgia nessa mesma época, entre os anos 1999 e 2000, um dos mais virais sistemas de conversas on-lines (chats) e recursos de envio de mensagens instantâneas da época: o MSN Messenger, que seria usado em diversos países, inclusive o Brasil.

A virada do 2000 não trouxe o grande bug do milênio e com ele o apocalipse tecnológico ou espiritual. No entanto, ela trouxe, apesar de sutil, algo que transformaria por completo nossa relação com o ciberespaço, o celular, as redes de relações, as formas de estar no mundo e interagir com a informação, e as interconexões entre os participantes: o surgimento da Web 2.0, e todos os seus desdobramentos posteriores. Esta nova fase da rede de internet, permitiu que os usuários pudessem sair de uma participação passiva, de só consumidores, para a criação e participação ativa na circulação da informação. Foi a Web 2.0 que induziu a evolução dos simples celulares para os sofisticados “smartphones”.

A Web 2.0²³, como a segunda fase no desenvolvimento da internet, foi uma revolução que possibilitou a criação de plataformas que permitiam a criação e a troca de informações entre usuários e produtores. Os limites tecnológicos que dividem de forma

²² Parte da canção “Apenas um rapaz Latino Americano” de Belchior.

²³ Embora a Web 2.0 tenha aprimorado a conectividade e a comunicação, permitindo uma integração mais profunda entre usuários e máquinas, com ela também surgem novos desafios, como a disseminação de desinformação, riscos à privacidade e ameaças à segurança cibernética.

bem definida estes dois papéis sociais na Web 1.0 se dissiparam, permitindo uma fusão e simplificação dos processos produtivos. A partir desta nova fase da internet, e entrando no universo de minha tese, os usuários começaram a ser estimulados a criar e fornecer conteúdo, em vez de apenas consumi-los. Essa nova forma de fazer na internet, uma revolução no modo de participação do usuário, possibilitou o surgimento das plataformas como LinkedIn (2003), MySpace (2003), Orkut (2004), Facebook (2004), Twitter (2006) que atualmente se chama X, TikTok (2010), Instagram (2010), entre outras. Essas redes sociais transformaram a forma de interagir e se relacionar dos usuários, permitindo o compartilhamento não apenas de fatos, fenômenos ou atividades, como também pensamentos, desejos, opiniões, emoções e sentimentos dos usuários. Desterritorializaram as relações antes fundadas na presença, começaram a produzir culturas e criar novas formas de identificação e antagonismos com o diferente e o virtual, tornou-se meio e fim de performances identitárias de diversos matizes aumentando a criação de conteúdo engajado.

É deste espaço e tempo, segunda década dos 2000, que esta tese começa a ganhar vida. A partir deste marco temporal, esta tese passa a se debruçar sobre as experiências de desterritorialização do real que começaram a invadir a vida de muitos brasileiros, inclusive dos jovens ciganos que empreenderam novas jornadas por territórios desmaterializados de presença física. Esta inserção, possibilitando a construção de novas identidades, flexibilizaram fronteiras históricas em seus grupos étnicos, trazendo novas expressões do trabalho para as novas gerações, que podem performar novas trilhas a serem seguidas.

O limite do problema e a cartografia dos conceitos

Em 2014, comecei a participar como membro ativo do GEC - Grupo de Estudos culturais, vinculado ao departamento de Antropologia da UFPB - Universidade Federal da Paraíba. A participação no GEC permitiu minha vinculação ao Projeto de Pesquisa intitulado “Os Ciganos no Estado da Paraíba”, especificamente para o levantamento que buscava através de uma perspectiva antropológica da internet, analisar as relações, representações sociais e construções identitárias que eram forjadas no espaço virtual (Dantas e Goldfarb, 2015). Com estes objetivos, levantei, à época, mais de 400

espaços virtuais entre websites, blogs e redes sociais que tinham como temas a cultura e a identidade cigana, entre outros.

Esta pesquisa desenvolvida entre 2014 e 2015 foi meu primeiro contato com os modos de inserção dos ciganos no ciberespaço, e de como as individualidades ali representadas estavam sempre vinculadas a uma identidade coletiva expressa pela autoafirmação Calon, Rom ou Kalderash. Nesta pesquisa também pude constatar a intensa participação dos ciganos nas redes sociais, e crescente utilização de espaços virtuais para a promoção da cultura e da identidade cigana. No caso do Facebook²⁴, dos 133 perfis pesquisados 24,8% atribuíam o termo “Kalon”, “Kalin”, “Calon” ou “Calin” no cabeçalho de suas páginas; enquanto 2,2% se auto designava enquanto “Rom”, e apenas 15% não tinham atribuição étnica no corpo do perfil. Nos outros 57% dos perfis apresentava nomes ou títulos de suas front pages como “*ciganos*”; de modo genérico, sem categorização ou especificação étnica (Rom, Calon, ou Kalderash). Mais interessante foi notar como o grupo de amigos, a troca de postagens, as curtidas ou compartilhamentos tendiam a ocorrer por pessoas que se colocavam como membros ou pertencentes a um grupo étnico cigano (Dantas e Goldfarb, 2015).

Foi uma pesquisa pioneira sobre a participação dos ciganos no ciberespaço que já apresentava um crescimento exponencial de perfis ciganos nas redes sociais. No entanto, nesta época, a participação era ainda muito marcada por elementos de socialização, pois a ideia de “viver de internet” não tinha ainda sido consolidada nos ambientes virtuais, e não estava potencialmente disponibilizada aos usuários comuns. Como o facebook ainda era o ambiente primordial de conexão e criação de vínculos mais estreitos, sendo a rede social mais utilizada na época, as publicações ainda tinham um caráter voltado ao debate, compartilhamento de álbuns de fotos e convites para eventos. A grande maioria dos usuários não utilizavam as redes para rentabilizar, até porque não havia um algoritmo, nos padrões que conhecemos hoje, tentando prever e controlar o usuário “leitor” mantendo-o logado por mais tempo. A utilização das redes sociais ainda era muito marcada pelo hobby, pelo compartilhamento de momentos com amigos, mantendo vínculos sociais mais estritos.

²⁴ O foco de pesquisa no Facebook se deu pelo seu grau de alcance na rede, que foi em 2015, a primeira rede social a superar a casa dos 1 bilhão de membros ativos mensais. Para maiores informações consultar: < <https://itforum.com.br/dez-redes-sociais-mais-relevantes-de-2015/> >

Foi a partir do entrecruzamento entre esses dados de pesquisa obtidos neste levantamento, com os pressupostos e argumentos de minha dissertação de mestrado sobre a perspectiva cigana do trabalho formal, intitulada: “Dissimetria entre o hábito cigano do mercado e o trabalho formalizado – encontros e desencontros”(Dantas, 2017)²⁵, e os dados obtidos com a participação na extensão universitária “Ciganos e podcasting” (Dantas e Goldfarb, 2025), promovida pelo GEC - Grupo de Estudos Culturais, que surgiu a problemática que norteia minha tese: as fronteiras do trabalho para os jovens ciganos estão se flexibilizando para formas menos tradicionais de geração de renda, em direção a proposições menos territorializadas, sem a perda de sua identidade cigana? A partir desta questão norteadora pretendo investigar as transformações nas dinâmicas laborais dos ciganos, ao analisar como a transição das atividades econômicas tradicionais (geralmente baseadas no comércio físico e na itinerância) para a criação de conteúdo digital entre os jovens ciganos impacta a organização social e econômica das famílias estudadas. Pretendo analisar a performance identitária no ciberespaço, ao buscar compreender de que maneira os ciganos criadores de conteúdo negociam, mantêm ou ressignificam seus traços identitários e marcadores étnicos ao se exporem em plataformas como Instagram, TikTok e Youtube.

Arquitetura da popularidade: panorama quantitativo do top 100

Consideradas as determinadas especificidade de cada plataforma, em geral, a partir do menor ao maior, os perfis que apresentam entre de 1k a 10k seguidores são considerados "nano-influenciadores", enquanto os perfis entre 10k e 100k são identificados como “micro influenciadores”. Os produtores de conteúdo que chegam a ter entre 100k e 500k são considerados como influenciadores de médio porte, ou “meso-influenciadores”; e por fim, os macro-influenciadores são aqueles que têm entre 500k e 1 milhão + de seguidores, e os “mega-influenciadores” possuem entre 1 milhão + ou 2 milhões+ de seguidores.

Na tabela abaixo, primeira parte da tese, apresento os 100 maiores perfis de criadores ciganos de conteúdos digitais, na plataforma Tik Tok. A partir das

²⁵ Na qual discorro sobre como o conjunto das revoluções industriais e técnico-científicas foram impondo restrições e declives profissionais aos povos ciganos, acarretando ressignificações ou perdas dos espaços de trabalho.

informações contidas em cada BIO²⁶ dos perfis levantados foi possível identificar os segmentos específicos, restritos e especializados — nichos — de cada produtor de conteúdos digitais.

Nº	Perfil	Seguidores	Categoria / Nicho
01	@cigana_oficial	2 mi	Lifestyle
02	@jade_kalin	2 mi	Lifestyle
03	@bitorcig	774,6k	Cultura cigana
04	@biiianca_oficial	504,6k	Lifestyle
05	@juuhlopes291	458,9k	Cultura cigana
06	@francielecigana8	442,8k	Cultura cigana
07	@andaluzacigano	439,8k	Comércio
08	@iagocigano	436 k	Cultura
09	@herica.vitria6	262,5k	Música e moda
10	@videosdeciganos	228,5k	Dança cigana
11	@gleide.marquess	228,1k	Lifestyle
12	@amandamaedetres	228k	Cotidiano, comédia
13	@nataly_brito_oficial	220,6k	Tradições e moda cigana
14	@mateusciganoo6	173,9k	Música, cavalos
15	@festacigana	173,7k	Agregação, Festas e Curadoria Cultural
16	@helloa.alves19	166,7k	Estética
17	@babalucigana	138,3k	Opinião, comédia, cotidiano
18	@hatilacigana	136,8k	Cultura, tradição e mundo do direito

²⁶ Abreviação de biografia. A BIO é uma pequena seção no topo do perfil, logo abaixo do nome de usuário, que serve como um cartão de visitas digital. Com limite de 150 caracteres (instagram), ela é crucial para apresentar informações essenciais, como quem é o produtor, o que faz, além de permitir a inclusão de algum link clicável que direciona o seguidor (usuário) a alguma rede externa.

19	@festa.ciganaa	130,5k	Agregação, Festas e Curadoria Cultural
20	@romanicigano	119,2k	Artista
21	@denise_lopes1	118,2k	Cultura cigana
22	@festas.ciiganas	112,3k	Agregação, Festas e Curadoria Cultural
23	@srta.scalon	106,2k	Beleza e lifestyle
24	@videosciganosss	89,6k	Agregação, Festas e Curadoria Cultural
25	@ciganalindadobrasil_2025	80,9k	Perfil carona
26	@marcianociganoofical	75,7k	Música
27	@secretariocigano	67k	Cultura cigana
28	@ciganorafaoficial	65,9k	Artista
29	@daviaalmeida773	56,1k	Humor e cotidiano cigano
30	@ciganos.e.ciganas.2	52,3k	Moda cigana
31	@talitasilva1027	46,5k	Lifestyle
32	@danielcig3	44,5k	Carros e lifestyle
33	@michelyciganinha18	42,8k	Moda cigana
34	@tiellyferraz	41,8k	Moda cigana
35	@casamentos_ciganos	40,8k	cultura cigana
36	@sandrinho.cigano	37,9k	Música
37	@maystorymodacigana	37,7k	Comércio
38	@ciganinha.festaa	37k	Agregação, Festas e Curadoria Cultural
39	@heytor.ciganin	36,3k	Cultural e identidade
40	@ciganosciganas	31,2k	cultura cigana
41	@toro_cigano	30,5k	Música
42	@paricida34signinha	30,3k	Moda cigana

43	@silvaneteunjida	26,4k	Lifestyle
44	@_ciganinhas_	26k	Beleza cigana
45	@rotina.de.um.cigan	24,3k	Rotina no rancho
46	@cintiaoficial35	24k	Cultura cigana
47	@iciganinha	23,8k	Entretenimento cultura
48	@cigannno	23,8k	Humor e entretenimento
49	@tainaciganinha	23,1k	Lifestyle
50	@luanasildants	22,4k	Lifestyle
51	@ciganinha_30	21,7k	Lifestyle e entretenimento
52	@polyanaflor3	21,3k	Lifestyle
53	@ciganinha2025	21,1k	Lifestyle
54	@lucascigano1010	18,4k	Lifestyle e entretenimento masculino
55	@ketiensrealezacigana464	18,2k	Comércio
56	@castianesantiago91	18k	Comércio de moda cigana
57	@ciganohenriq	17,7k	dança cigana
58	@casalcigano01	17,5k	Cotidiano cigano
59	@ocaloncalon	15,9k	Música
60	@jennikalderash	15,4k	Lifestyle
61	@arianydelgado	15,1k	Lifestyle
62	@samaraciganinha2	15k	Lifestyle, entretenimento e estética
63	@rangel_ciganooficial	13,8k	Perfil privado
64	@sardinha_cigano.0	13,5k	Lifestyle
65	@modacigana	13,4k	Moda cigana / Comércio
66	@geliaribe6	12,7k	Lifestyle
67	@marizasoares	11,9k	Lifestyle
68	@joyceciganinha2	11,4k	Lifestyle e entretenimento

69	@mundo_cigano_	10,9k	Agregação, Festas e Curadoria Cultural
70	@geovannascalon	10,3k	Estética e moda
71	@ciganas_mais_bela	10,2k	Beleza cigana
72	@ciganas.privilegiadas	9.794	Agregação, Festas e Curadoria Cultural
73	@joyce.kelle3	9.261	Moda cigana
74	@deh.cigana1720	9.149	Lifestyle
75	@ciganinha161	9.147	Lifestyle
76	@dimas_ciganooficial	8.862	Música
77	@milaciganinha	8.523	Lifestyle
78	@sigano981	7.916	Conta privada
79	@adelmar_cigano	7.434	Lifestyle e entretenimento masculino
80	@millena_ciganinha7	7.009	Lifestyle
81	@ciganas_supremas	6.602	Beleza mulheres ciganas
82	@mika..ciganinha	6.571	Profissional / moda cigana
83	@voneis.cigano	5.878	Lifestyle e entretenimento masculino
84	@taliacigana1	5.578	Moda cigana
85	@ciganinha_t1	5.396	Lifestyle e entretenimento
86	@natalicigana	5.253	Cultura cigana
87	@jhonnycigano29	4.653	Cultura cigana
88	@ciganospiripiri	4.630	Cultura cigana
89	@agenciaalon0	4.466	Agência Calon
90	@sasacigano	4.454	Lifestyle e entretenimento masculino
91	@larissakalinzinha05	4.359	Lifestyle e entretenimento
92	@ciganinha025	4.010	Moda cigana
93	@ciganinha_0	3.809	Lifestyle e entretenimento

94	@anaciganinha10	3.788	Apresentação pessoal
95	@reizinhocigano7	3.597	Música
96	@yuri.oliveira695	3.482	Lifestyle
97	@modacigana6	3.306	Comércio de moda cigana
98	@cigana_charmosa2026	2.100	Comércio vestes ciganas
99	@ciganas_exclusivas0	2.007	Beleza cigana
100	@fabio.cigano34	1.830	Cultura cigana

Foi possível levantar, a partir dos dados coletados e das métricas de visibilidade, as questões de gênero, as questões etárias e os direcionamentos dos focos principais de cada perfil. Um levantamento que agregou novas variáveis qualitativas as análises realizadas a partir da etnografia. Mas isto, será assunto para os próximos artigos.

Fim de papo: para onde vou agora

Se para início de conversa foi preciso entender como cheguei aqui, o fim de papo, que é apenas um “até logo”, nos mostra que o 'aqui' é apenas uma estação de passagem para compreender as novas formas de inserção dos jovens ciganos nas oportunidades de geração de renda surgidas com a emergência das redes sociais Tik Tok, Instagram e Youtube. Os próximos passos serão identificar o top 100 do instagram e Youtube e representar o foco de atuação e agência de cada perfil (narrativas primordiais, linha dos discursos, direcionamentos políticos, entre outros). Além da possibilidade de levantar, a partir dos dados coletados e das métricas de visibilidade, as questões de gênero, as questões etárias e os direcionamentos dos focos principais de cada perfil. Um levantamento que agregará novas variáveis qualitativas nas análises realizadas a partir da etnografia. Mas isto, será assunto para os próximos artigos.

No entanto, os dados preliminares já nos sinalizam, ao menos no que diz respeito ao Tik tok, que o protagonismo das mulheres ciganas (ciganas influenciadoras) tem se concentrado de forma expressiva em uma estética visual marcante, e na espetacularização/digitalização de saberes tradicionais femininos, que se expressam nos nichos de ‘Moda e Estética Cigana’, transformando elementos da tradição em tendência

e comércio digital; ‘Lifestyle e Maternidade/Rotina’, desmistificando o ambiente doméstico através do humor e de dinâmicas familiares reais; e ‘Dança e Tradição’, personificando e atraindo engajamento visual por meio de performances da estética rítmica e dança cigana. Se considerarmos apenas o percentual isolado²⁷, as mulheres ciganas respondem por 62,92% (56 de 89) de engajamento na produção de conteúdo e manutenção de perfis Tik tok.

Quanto a produção de conteúdo dos homens ciganos na plataforma, ela orbita em torno de ‘performances de prestígio e liderança discursiva’ (Lifestyle Masculino), ao assumirem papéis de “explicadores” da cultura; ‘manifestações e performances artísticas’, usando as redes como palco para divulgar seus trabalhos de cantores e músicos; além da ‘reinterpretação de atividades econômicas tradicionais masculinas’ revisitando a antiga tradição cigana da barganha e do comércio, agora sob a roupagem de criadores digitais. Nessa direção, os homens ciganos representam apenas 37,08% (33 de 89), do total isolado de criadores de conteúdos no Top 100.

Esse levantamento reforça a necessidade de uma investigação sobre a existência de choques geracionais e de gênero nas fronteiras virtuais. Isso porque, enquanto as mulheres ciganas têm ganhado um protagonismo inédito através da visibilidade da moda e do lifestyle (rompendo algumas barreiras históricas de privacidade), comprovados pela ocupação no topo absoluto da lista de perfis mega-influenciadores (entre 1 e 2 milhões de seguidores). Enquanto os homens ciganos criadores de conteúdo transpõem o prestígio público tradicional (música e comércio de bens) para as métricas do algoritmo.

No demais, falta-me decidir para onde vou agora. Ressignificando meus áureos tempos juvenis na década de 1980, tempo de mar e sol, vou surfar nas ondas do virtual para ver se me reencontro, beijos!

Referências

DANTAS, José Aclecio. **Dissimetria entre o hábito cigano do mercado e o trabalho formalizado – Encontros e Desencontros**. Dissertação de mestrado do Programa de pós graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 255f. João Pessoa, 2017.

²⁷ Considerando apenas os 89% de perfis cuja identidade de gênero pôde ser validada, visto que, nesse Top 100, um total de 11 perfis não identificavam o gênero dos seus criadores.

DANTAS, José Aclécio; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. As Representações sociais dos ciganos na internet. Anais da V REA – **Reunião Equatorial de Antropologia e XIV ABANNE** – Reunião de antropólogos do norte e nordeste, 2015 [recurso eletrônico]: Direitos diferenciados, conflitos e produção do conhecimento. Maceió: 2015.

DANTAS, José Aclécio; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Nas ondas da comunicação: ciganos e Podcast**. Cadernos de Pesquisa, p. 1–22, 18 Fev 2025. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/24386>> Acesso em: 28 dez 2025.

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **Da divisão do trabalho social**. Tradução Eduardo Brandão. - 2a ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.

Empresa Brasileira de Telecomunicações. EMBRATEL. (1994). **Relatório anual**. Rio de Janeiro.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2004

GRANOVETTER, Mark. **The strength of weak ties**. American Journal of Sociology, Chicago, v. 78, n. 6, p.1930–38, 1973.